



A DIVERSIDADE CULTURAL NA LITERATURA INFANTIL DE RONALDO SIMÕES E LEO CUNHA

Luiz Claudio Vieira de Oliveira *

Fundação Mineira de Educação e Cultura - FUMEC

luizvioli@gmail.com

Sônia de Oliveira Barbosa **

Fundação Mineira de Educação e Cultura - FUMEC

soniaob@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, pretende-se analisar como a diversidade cultural é representada na literatura infantil mineira, a partir das obras de dois autores mineiros, contemporâneos, Leo Cunha e Ronaldo Simões Coelho. A diversidade cultural possibilita repensar os valores culturais, políticos e sociais relacionados à compreensão do outro. Assim, rever esses princípios significa compreender a cultura como construção do indivíduo a partir das práticas sociais, bem como proporcionar o entendimento de como o “diferente” é um desafio para os valores sociais e culturais. Nas obras escolhidas, procurou-se analisar como os autores trabalharam os temas da diversidade cultural, envolvendo identidade, diferença e alteridade, apontando sua centralidade ou transversalidade nas narrativas. O estudo se situa na área de Estudos Culturais e seus resultados demonstram que a diversidade cultural, tal como é tratada pelos autores, contribui para a formação do leitor infantil, propiciando-lhe refletir criticamente sobre os valores culturais vigentes.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Cultural - Literatura Infantil – Identidade - Diferença.

THE CULTURAL DIVERSITY IN THE CHILDREN'S LITERATURE OF RONALDO SIMÕES AND LEO CUNHA

* Doutorado em Letras - Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto IV, aposentado, da Faculdade de Letras da UFMG. Professor Adjunto III da Fundação Mineira de Educação e Cultura - FUMEC, Belo Horizonte, até janeiro de 2017, tendo trabalhado no Curso de Mestrado e no Curso de Doutorado em Administração, com a seguinte linha de pesquisa: Estratégia em Organizações e Comportamento Organizacional, de 2006 a 2013. Foi também professor do curso de Mestrado em Sistema de Informações e Gestão do Conhecimento e do Curso de Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos, ambos da Universidade Fumec, até janeiro de 2017.

** Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC, Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco e graduada em Letras, ênfase em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente, é Professora da Universidade FUMEC, em Belo Horizonte (Minas Gerais).

ABSTRACT: In this work, we intend to analyze how cultural diversity is represented in children's literature in Minas Gerais, based on the works of two contemporary authors, Leo Cunha and Ronaldo Simões Coelho. Cultural diversity makes it possible to rethink the cultural, political and social values related to the understanding of the other. Thus, reviewing these principles means understanding culture as the construction of the individual from social practices, as well as providing an understanding of how the "different" is a challenge to social and cultural values. In the chosen works, we tried to analyze how the authors worked the themes of cultural diversity, involving identity, difference and otherness, pointing out their centrality or transversality in the narratives. The study is located in the area of Cultural Studies and its results demonstrate that cultural diversity, as treated by the authors, contributes to the formation of the children's reader, enabling him to reflect critically on the current cultural values.

KEYWORDS: Cultural diversity; Children's literature – Identity - Difference.

INTRODUÇÃO

Desde o momento em que foi introduzida na escola como recurso didático ou atividade lúdica, a literatura tem um papel importante na formação da criança, exercendo uma influência direta na construção do indivíduo e da sociedade, como afirmam AZEVEDO e RABINOVICH (2012), REBOUÇAS, ANDRADE e OHE (2013), LEITE (2015). Por meio das histórias, são transmitidos conceitos sociais, que podem reiterar determinada ideologia ou questioná-la. A literatura possibilita a seu leitor perceber o mundo e se interrogar sobre ele, refletindo sobre as relações das pessoas com o mundo, com as demais pessoas e consigo mesmas.

A literatura infantil deve proporcionar, à criança, o estímulo e o desenvolvimento da imaginação, dos sentimentos e emoções de maneira agradável, lúdica e significativa. O ato de ouvir histórias e de recontá-las, recriando-as e interpretando-as, torna-se relevante para a formação de toda criança. A partir dos primeiros anos, quando se inicia o contato com textos dirigidos a elas, as crianças devem ser estimuladas de forma crítica, incluindo-se aí aspectos lúdicos e criativos. A variedade de textos, de autores, de pontos de vista e de estilos permitirá, aos leitores, perceber a diversidade cultural que há em cada sociedade.

Esse tema, diversidade cultural, é bastante complexo, decorrente do fato de a cultura e os aspectos que ela expressa serem construções discursivas, a partir de que se ordena o mundo a partir de apriorismos culturais, que estabelecem um jogo de semelhanças e diferenças. Semelhanças e diferenças, como elementos positivos ou

negativos, são consequências das relações que se estabelecem no discurso, refletindo as relações sociais ou procurando estabelecê-las de fato.

O objetivo deste artigo é refletir sobre duas obras de dois autores mineiros, dirigidas ao público infantil: *Doido Varrido*, de Ronaldo Simões, e *O Sabiá e a Girafa*, de Leo Cunha. Ambos são autores renomados e premiados. Parte-se do pressuposto de que as obras problematizam a diversidade cultural, as diferenças sociais e pessoais, e as relações entre identidade e alteridade. Com isso, os autores permitem que as crianças adquiram um olhar crítico sobre si mesmas e sobre o outro, tornando-se capazes de refletir sobre os valores culturais presentes na sociedade em que vivem.

A revisão de literatura se fez a partir de obras críticas sobre literatura infantil: CARVALHO (1984), ARIÈS (1986), CUNHA (1985), LAJOLO (2001), COELHO (1982, 1987, 1991, 2000), ZILBERMAN (1981, 2005, 2014), LAJOLO e ZILBERMAN (1985, 1986, 2007), Simões (2013), entre outros. Temas como diversidade cultural, identidade e alteridade têm sido abordados por diversos autores, que forneceram a base teórica sobre que este artigo se apoiou: GIDDENS (2002), HALL (2003, 2005), FOUCAULT (2007), BARROS (2008), HUNT (2010), BAUMAN (2001, 2005, 2011 e 2013).

LEITURA DAS OBRAS

A análise que se faz a seguir baseou-se na leitura intensiva dos textos, buscando identificar como os textos apresentam a diversidade cultural e concretizam sua problematização. Subsidiariamente, aplicaram-se conceitos extraídos da Análise do Discurso: MAINGUENAU (1989, 1996, 2001) e CHARAUDEAU (2010).

DOIDO VARRIDO

Este livro de Ronaldo Simões Coelho (1998), com ilustrações de Humberto Guimarães, foi publicado em 1998. Fez parte da Coleção Navegar e foi indicado para um público infanto-juvenil de oito a dez anos. *Doido varrido* conta a estória de um ratinho que queria descobrir sobre sua família e seus antepassados. Questionava-se sempre de onde teria vindo, de onde seriam seus pais, seus avós, seus tios, seus bisavôs

e seus tataravôs. O Ratinho começou a fazer pesquisas por conta própria e depois começou a contar, em casa e na escola, suas descobertas. Afirmou que era parente de várias personagens famosas e mostrou uma lista: Dr. Ratão, tio-tetravô de sua bisavó; o rato-que-roeu-a-roupa-do-rei-de-Roma, um antepassado italiano; Jerry, que faz parte da família rica; todos os ratos do *Flautista de Hamelin*, que eram parentes entre si e seus antepassados; o Ratinho que salvou Joãozinho e Maria da bruxa malvada; e o Rato corajoso da estória do Leão, que ele salvou roendo as cordas.

A cada dia sua lista aumentava, até que incluiu o Mickey e todos acharam que ele estava louco ao afirmar que tinha provas de que o rato que colocou um chocalho no pescoço do gato era seu antepassado. Diante da situação, seus pais chamaram um médico em casa. Mas este tinha medo de doenças da cuca: mal ouviu a estória e indicou que se procurasse um Psiquirrata. Assim, os pais do ratinho marcaram a consulta com Dr. Psiquirrata, que receitou trinta e oito remédios indicados para evitar desmaios, febre, gritos fora de hora, dores na orelha, vontade de subir nas paredes, insônia, ideia de ser Napoleão-de-hospício, mania de falar sozinho, ranger dentes, ficar de boca aberta, diarreias, vômitos, sonhar que está voando, medo de extraterrestre e outros. Mas o Ratinho não tinha nenhum desses sintomas e nunca havia ficado doente.

Os pais do Ratinho se assustaram com tantos comprimidos e ficaram com medo de errar os medicamentos. Além do mais, não tinham dinheiro para comprar tantos remédios. Então, desistiram por ora e decidiram deixar o Ratinho como estava. Mas, seus pais foram aconselhados a procurar um especialista na Capital, para onde se dirigiram, à procura de um médico, para o bem do Ratinho. Marcaram a consulta com o Dr. Especialista, que realizou uma entrevista com os pais e, depois, com o Ratinho. Na entrevista com pais, foi só troca de acusações, um culpando o outro pelas condições psicológicas do Ratinho. Quando o Doutor entrevistou o Ratinho, o achou o maior barato: inteligente, afetuoso, educado, seguro, decidido e bem sabedor do que queria da vida. Falaram sobre árvores genealógicas e o médico sugeriu leituras sobre o assunto.

O parecer do Doutor não foi aceito pelos pais, por não concordarem que uma pessoa saudável se interessasse por desenterrar defunto. Diante do descontentamento com o diagnóstico, os pais ficaram com tanta raiva que procuraram uma lista telefônica de nomes de especialistas e marcaram consulta com o primeiro que atendesse

imediatamente. Conseguiram o médico, de cujo parecer gostaram, alegando que o caso do Ratinho era de internação em hospício. Assim, o Ratinho foi enviado para o hospício e por lá ficou por um bom tempo. Quando o Ratinho chegou ao lugar, observou o quarto onde ia ficar e, à noite, roeu um pedaço de parede, fazendo um buraco para passar. Saía todas as noites do lugar e, no dia seguinte, dormia o dia todo, de tão cansado. E assim fazia todos os dias em que ficou no hospício. Como não dava trabalho, ninguém se lembrava dele.

Até que chegou o dia de sua alta e voltou para sua casa. Todos o acharam mais ajuizado, apesar de continuar sendo o mesmo. Ratinho estava cada vez mais interessado pelos estudos, chegando a aprender outras línguas para se comunicar com outros parentes e estudiosos de outros países. Um dia, encontrou uma Ratinha, na Biblioteca Pública, com os mesmos interesses de estudo, ficando muito amigos. Começaram a ganhar muito dinheiro com encomendas de retratos, de certidões de nascimento e de outros documentos, que as famílias expunham em suas salas. Com o dinheiro, fizeram uma poupança para o casamento, e convidaram, para padrinho, aquele especialista que havia achado o Ratinho maior barato. E, ao final, tudo indica que os interesses do Ratinho vão se encaminhar para futuras gerações.

Na estória do *Doido Varrido*, Ronaldo Simões se utiliza da intertextualidade, de maneira explícita, ao citar, no texto, várias outras personagens da literatura infantil: o *Flautista de Hamelin*, conto folclórico dos Irmãos Grimm; o Dr. Ratão, do conto *Dona Baratinha*; Ratinho Jerry, do clássico *Tom e Jerry*, de William Hanna e Joseph Barbera, criado para a Metro-Goldwyn-Mayer, em 1940; o conto de *Joãozinho e Maria*, dos Irmãos Grimm; a fábula de Esopo, *O Leão e o Rato*; *Mickey* – personagem clássica da Disney; o clássico *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes y Saavedra; o trava língua *O rato-que-roeu-a-roupa-do-rei-de-Roma*, além do poema “Navio Negroiro”, de Castro Alves, que retrata o transporte de escravos negros para o Brasil.

Ao escolher o rato como personagem, o autor aproxima-se da fábula, espécie que, tradicionalmente, usa animais com o intuito de demonstrar as características humanas. Neste livro, a escolha do rato serviu para afirmar os conceitos de diferença, identidade e exclusão, uma vez que o rato é objeto de repúdio, rejeição e desprezo, apesar de tão presente nas narrativas.

Ao longo do livro, por meio da construção narrativa, percebe-se que questões como identidade e diferença são abordadas de maneira lúdica, mas com o propósito de trazer uma discussão sobre “ser diferente”, no sentido de identificar o conceito de identidade a partir do “eu real”, ou seja, é aquilo que se é, em relação ao “outro” e ao meio social, proporcionando, assim, uma reflexão sobre as mudanças no campo da identidade. O texto apresenta, também, uma discussão sobre a diferença, a partir do pressuposto de que a diferença é algo constatado, e rejeitado, pelo outro. Desde o momento em que o Ratinho se manifestou diferente, isso afetou a “normalidade” de todos os outros. A rejeição da identidade do Ratinho se dá porque ele faz algo que ninguém, até então, havia feito.

Para Tomaz Tadeu Silva (2013), existe uma exigência da vida moderna, em que o indivíduo deve assumir diferentes identidades de acordo com o contexto social, mas essas identidades diferentes podem apresentar-se em conflitos, a partir da concepção de ser ou não ser normal. Em *Doido Varrido*, verifica-se que o Ratinho assume uma posição de originalidade, revelando a sua diferença a partir ponto de vista do “eu sou”, saindo dos moldes fixos da sociedade. Assim, afirma sua identidade, independentemente da concepção que os “outros” têm a seu respeito.

É possível verificar esse conflito pela busca da identidade na estória, no momento que a personagem protagonista questiona suas origens e busca respostas em pesquisas sobre seus antepassados, resultando numa atitude repressiva de seus familiares e da sociedade, conforme no trecho:

O que acontece é o seguinte: Ratinho é curioso desde pequeno, querendo saber de onde veio, para que, por que, e agora quer saber tudo sobre sua família e seus antepassados. Continua perguntando de onde veio, de onde são seus pais, seus tios, seus avós, seus bisavôs, seus tataravôs. As respostas não lhe agradam. Sempre quer mais dados, sempre quer mais informações. Começou, por isso, a fazer pesquisas por conta própria. E cada vez se interessava mais pelo assunto. Um dia ele contou em casa suas descobertas. Depois andou contando na escola. Ele afirma ser parente de ratos famosos e mostra uma lista: [...] (COELHO, 1998, p. 4)

Esse trecho indica que Ratinho busca, mais profundamente, de acordo com as possibilidades que sua cultura lhe oferece, sua ascendência. Há quem não se preocupe com isso e há, como ele, quem goste e busque o parentesco. Segundo HALL (2005), a

identidade é construída a partir da interação entre o “eu” e sociedade. Existe no indivíduo uma essência interior, o “eu real”, que é construído e transformado a partir de um diálogo constante com os mundos culturais (exteriores) e as suas identidades. Portanto, é por meio dos questionamentos e das descobertas do Ratinho, que se detecta essa interação, no sentido de revelar que, no mundo real, a forma como o indivíduo se projeta “a si mesmo” está relacionada com as identidades culturais construídas ao longo de sua estória. No entanto, o fato de a personagem querer saber sobre seus antepassados reafirma a necessidade de interiorizar os seus valores dentro do convívio familiar e social, para que se atinja uma identidade incontestável e sem acusações de anormalidade.

Nessa obra, observa-se que a identidade questionada, responsável pela instauração da diferença, é tomada como “loucura”. Ao se rotular alguém de louco, está-se criando um estigma e, ao mesmo tempo, permitindo que se afaste este “louco” do convívio social. E isso pode se expandir para todos os casos que estejam em desacordo com o padrão social. De acordo com Hall, o processo de construção da identidade ocorre a partir do discurso social em que o indivíduo está inserido, dentro de contextos históricos e institucionais específicos da diferença e a exclusão:

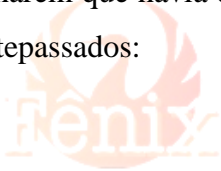
É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL,2005, p. 109)

Silva (2013) retoma Hall, nessa questão identitária, e acrescenta que a identidade e a diferença estão estreitamente conectadas com as relações de poder, produzidas pela sociedade ao criar classificações a partir da identidade. Isso quer dizer que a definição de identidade – discursiva e linguística - depende da relação do poder, não sendo simplesmente definida, mas imposta. O poder de definição da identidade e demarcação da diferença é produzido pelo mundo social, que classifica os bons e os

maus, demarca as fronteiras entre “nós” e “eles”, impõe a normalidade (nós somos normais e eles são os anormais) e define quem são os incluídos e os excluídos do meio social.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e que não está incluído. Afirmer a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (SILVA, 2013, p. 82)

No livro *Doido Varrido*, percebe-se que o fato de o poder social definir quem são os normais e anormais está muito presente, porque retrata a concepção que a sociedade faz do indivíduo quando se apresenta fora das estruturas sociais impostas. Há passagens, na narrativa, que indicam essa imposição de uma normalidade. Por exemplo, o momento em que se chama um médico, às pressas, para examinar o Ratinho, por acharem que havia enlouquecido, apenas por querer conhecer sua própria história e seus antepassados:



O médico foi chamado às pressas. Era gordão, muito calmo, mas tinha um medo danado de doenças da cuca. Nem quis examinar Ratinho. Só quis ouvir a história e, em seguida, disse:

- É caso para psiquiatra. Tudo indica que se trata de um quadro de parafuso-de-menos, que outros chamam de aduela-furada. Procurem o dr. Psiquirrata.

- Mas esse doutor também não é meio abilolado? – perguntou a família.

- Por isso é que ele se entende com quem não regula a bola – respondeu o bom doutor, tratando de dar o fora daquela casa, não sem antes aceitar um lanche reforçado. (COELHO, 1998, p. 7)

Nesse trecho, pode-se observar que existe uma imagem do que se considera como uma pessoa normal ou anormal para a sociedade. A partir do instante em que o próprio médico demonstra medo em atender o Ratinho, reafirma-se a exclusão de uma pessoa considerada “diferente” do meio social e sua estigmatização. Revela-se que os indivíduos, não enquadrados nas estruturas ditas normais, devem se juntar às pessoas classificadas como anormais. Na narrativa, há uma crítica aos médicos: os psiquirratas foram os médicos indicados para atender o Ratinho exatamente por não regularem da cabeça e, por isso, serem capazes de entenderem o estado clínico do “doente”. Isso se

enquadra no preconceito, existente no texto e em nossa sociedade, contra psiquiatras, considerados “um pouco” loucos. Ou, como diz o provérbio, “de médico e de louco, cada um tem um pouco”. Como o Ratinho foi classificado dentro de um quadro de “parafuso-de-menos”, a estória, a partir desse diagnóstico, começa a se desenvolver para que ele seja excluído do convívio social, confinado em um hospício. Com isso, o autor faz também uma crítica à psiquiatria e à sociedade, que escondiam seus loucos, ou quem era considerado louco, em hospícios.

A questão da diferença, na obra, está demarcada pela exclusão social, ao representar que a diferença acontece quando se desprende de uma identidade socialmente considerada. O Ratinho, ao se desprender da identidade imposta pelo meio social, e ao tentar valorizar o seu “eu”, desencadeou um processo de manifestação da diferença. Mesmo com a repressão que sofreu, por ir contra os padrões culturais, sociais e familiares, não desistiu de ser o que queria ser.

A partir do confronto do Ratinho com os modelos sociais, surge uma imagem deteriorada da personagem, imposta pelo social. Isto significa dizer que o Ratinho, estigmatizado, é rejeitado pela sociedade. Isso retira dele todas as suas oportunidades e esforços, como indivíduo, e resulta na perda da sua identidade. Mais que isso, resulta no seu desaparecimento, por meio da internação. A sociedade anula a identidade do indivíduo e institui o modelo que irá preservar o sistema de valores e crenças, isto é, o sistema de poder, excluindo todos aqueles que se contrapõem a ele. Na estória, foi o que aconteceu com o Ratinho, pois a partir do momento em que tentou romper com os padrões de identidade social, passou a assumir a posição de “diferente”, classificado como “incapaz” e “louco”, ficando à margem e tendo que se sujeitar às imagens que a sociedade lhe impôs.

Assim, diversamente do que ocorre na realidade, em *Doido Varrido*, a imagem deteriorada do indivíduo se desconstrói: o louco recupera sua “normalidade”, casa-se e é feliz para sempre. Nesse sentido, a narrativa recupera expectativa de grande parte das narrativas infantis, que é dar uma solução a um problema e apresentar um final feliz. Ratinho recupera seus direitos e conquista seu espaço dentro da sociedade, como se pode constatar no trecho: “Tudo indica que os interesses do Ratinho vão se dirigir, dentro de pouco tempo, também para as futuras gerações. É só esperar para ver.”

(COELHO, 1998, p. 14). Não há, no texto, nenhuma ação contra a violência de que sofreu nem críticas sobre os “finais felizes”.

Apesar disso, a obra contém uma denúncia importante contra a repressão que se executa contra todo aquele que, de várias formas, se mostra diferente. A obra aponta que o indivíduo, ao não se encaixar nos padrões sociais de comportamento, passa a ser um sujeito sem voz, sem espaço, sem papéis sociais e sem função. Por isso, passa a ter um anonimato social, ou seja, é considerado um ninguém, um marginalizado nas relações com o outro, o que inclui loucos, alcoólatras, epiléticos, mendigos, prostitutas, negros, crianças de rua e outros que se apresentem fora dos padrões estabelecidos pela sociedade. O autor revela que a maneira encontrada pela nossa sociedade de retirar esses indivíduos fora do convívio social é o confinamento, em prisões, asilos e hospícios, condenando-os, assim, à exclusão social.

O livro de Ronaldo Simões Coelho, *Doido Varrido*, médico psiquiatra participante da luta antimanicomial, tem um caráter autobiográfico, por reproduzir, por meio do discurso alegórico e fabular, as suas experiências vividas no antigo Hospital Colônia de Barbacena. Na década de setenta, como chefe da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), denunciou o hospital pelas atrocidades que ali ocorriam impunemente.

Em entrevista para *Revista Ecológico*, ao relatar o que acontecia no Hospital Colônia de Barbacena, revelou-se que o escritor foi o primeiro médico brasileiro a denunciar o comércio de cadáveres que ali ocorria:

“Dois ensinamentos de Basaglia jamais sairão das nossas cabeças: ideias se combatem com ideias; e fatos se combatem com fatos.” Foi o que recordou o psiquiatra e hoje escritor Ronaldo Simões Coelho, ex-chefe da Fhemig, uma das primeiras vozes, mesmo dentro do governo, a denunciar as atrocidades que aconteciam impunemente no ex-Hospital Colônia de Barbacena.

Isso se deu durante o emblemático “III Congresso Mineiro de Psiquiatria”, realizado na sede da Associação Médica de Minas Gerais, no final da década de 1970, com a presença de Basaglia. “O que acontece ali é a desumanidade, a crueldade planejada. No hospício, tira-se o caráter humano de uma pessoa, e ela deixa de ser gente”, disse ele, na época. (COELHO, 2014)

Em *Doido Varrido*, constata-se aspectos que caracterizam essa vivência num hospital psiquiátrico, revelando que o diagnóstico como louco não se fundamentava somente no quadro clínico, mas na simples mudança comportamental. A classificação de louco, para o indivíduo, não ocorria por meio de um embasamento científico, mas determinada pela ausência de comportamentos sociais ditos “normais”. No trecho da obra, a seguir, pode-se observar um fato que possivelmente ocorria em hospícios, pois era o médico quem determinava quais eram os loucos, dando um diagnóstico alicerçado em interesses particulares dos familiares e da sociedade:

Acharam um que podia atender na mesma hora. Devia ser desses médicos que não têm clientes. Este os agradou, no entanto. Foi logo afirmando que o ratinho estava completamente varrido, necessitando de tratamento urgente no hospício e que ele curava fácil essa maluqueira e que isso e aquilo. Dali mesmo o coitado foi mandado para o hospício. (COELHO, 1998, p. 12)

Nesse contexto, o enredo da obra apresenta-se importante para a construção de uma reflexão para o público infantil, sobre a questão da identidade e diferença, no sentido de proporcionar um olhar diferente sobre como a nossa sociedade trata a questão da diferença, de maneira a revelar que a exclusão não é a solução. Na estória, o Ratinho foi excluído pela família e sociedade, mas ele não era um “louco”: apenas estava afirmando sua identidade, independente dos preconceitos e críticas a seu respeito. É por meio do discurso que são produzidas as identidades e as diferenças, uma vez que é o discurso que institui e legitima identidades e diferenças dentro da sociedade. E o discurso da família do Ratinho priorizava as diferenças.

Doido Varrido permite que seu leitor pense sobre várias questões normalmente escamoteadas de sua apreciação. Uma delas é a questão da identidade e da diferença. Outra é a repressão contra tudo aquilo que se apresenta distante daquilo que seu meio social, representado por sua família, considere como fora de uma normalidade ou de um paradigma. Além dessas duas questões, a narrativa apresenta os estereótipos sociais, que pressupõem que o médico psiquiatra, por tratar loucos e entendê-los, é também um pouco louco. Dentro desses estereótipos, está o discurso científico, empregado para dar respeitabilidade a preconceitos e a falsas abordagens da realidade. Apesar desse quadro de crítica ao discurso moralista da sociedade, a narrativa mostra que, após receber alta,

ou seja, liberado pelo discurso científico predominante, Ratinho volta para se inserir na normalidade e numa atividade produtiva que, talvez por isso, seja aceita. Por isso mesmo, deixando de ser “diferente” para ser “normal e produtivo”, Ratinho possa voltar-se, além do passado, para o futuro.

O SABIÁ E A GIRAFA

O Sabiá e a Girafa (2012), de Leo Cunha, com ilustrações de Graça Lima, conta a estória de um Sabiá e de uma Girafa, que se encontram num entrelugar, situado entre os desejos e os limites de cada um. O texto também ocupa um espaço intermediário, entre a prosa e a poesia, participando das características de cada uma. Por um lado, é a narrativa do encontro das duas personagens; por outro, utiliza recursos usuais na linguagem poética, como associações, assonâncias e rimas. Esses recursos aproximam o texto das formas simples da literatura tradicional, em que o *épos* narrativo é feito de forma poética.

Nessa prosa poética, a narrativa revela um sabiá que não sabia “avoiar”, como se diz no próprio texto, mas que sabia cantar muito bem. O Sabiá tentava, de todas as maneiras, aprender a voar. Apesar de sempre cair, nunca desistia, por acreditar que um dia iria conseguir “avoiar”. A Girafa não é diferente: na estória, por querer mudar a vida, sonhava em cantar como os pássaros, mas era muda. Ela “tentava imitar o azulão, o rouxinol, a cotovia. Mas a voz não derramava”. Por obra do acaso, o Sabiá e a Girafa se encontraram. O Sabiá, que estava a chorar em cima do pé do caju, caiu na cabeça da Girafa, em baixo da mesma árvore, que também se lamentava. Ambos se descobriram por meio de suas fragilidades e se uniram em busca do desejo de serem felizes. O Sabiá ficou morando na cabeça da Girafa, o que lhe proporcionou as alturas e as vertigens de um voo. Por outro lado, a Girafa obteve o seu canto melodioso.

Esse texto, em prosa poética e em linguagem simples, possibilita ao leitor sentir o mundo de maneira particular. Pode-se dizer que, com as duas personagens, o autor conseguiu representar o universo de carências e de desejos de cada leitor. Leo Cunha se utiliza dos recursos de linguagem, com imagens e símbolos que representam esse universo, que é, ao mesmo tempo, tão pequeno e tão importante. Assim, cria

significações dentro do texto, de forma que o receptor possa descobrir a luta constante entre os desejos e os limites de cada indivíduo, representado por duas personagens: o sabiá e a girafa, principalmente por suas carências.

Nas palavras de Carvalho, a “poesia é transfiguração da realidade objetiva ou subjetiva em expressão de beleza e de contemplação emocional. É o encontro e a harmonização do eu existencial com o eu poético, realizando a revelação do ser da essência. Poesia é vida em sua mensagem mais profunda.” (CARVALHO, 1989, p. 222). O que essas palavras grandiloquentes dizem é que a literatura, poesia ou prosa, aborda sempre o ser humano em sua dimensão mais profunda, mais essencial. Ainda que prosa e poesia trabalhem a linguagem de forma diferente, mais extensiva, na prosa, e mais condensada, na poesia, o objetivo é sempre o mesmo: apresentar a essência do ser humano. Nesse sentido, constata-se que o autor se utilizou da linguagem poética, para atingir seu leitor, por meio da relação da realidade com a fantasia.

É por meio desta que o leitor, infantil ou adulto, consegue voltar para dentro de si mesmo, enxergar-se e enxergar a realidade que o cerca. Por isso, o autor concilia recursos da prosa e da poesia. Usando sonoridade e ritmo, provoca uma sensação lúdica que deleita e, ao mesmo tempo, ensina. Não é um ensino opressivo, obrigatório, cartorial. Trata-se de oferecer ao leitor, de forma agradável, prazerosa e profunda, a possibilidade de pensar. Vejam-se o trecho e as relações: passar/passear; passar de passarinho/sem caminho; a esmo/mesmo: “Passar de passarinho, passear devagarinho, sem pra onde nem caminho. À toa, à toa, a esmo. Só queria mesmo avoar” (CUNHA, 2012, p. 5). Essas relações destacam, ludicamente, o caráter livre e descompromissado do voo dos pássaros, ao mesmo tempo em que revelam um apurado trabalho com a linguagem.

A poetização da prosa ocorre por meio da musicalidade das palavras, intencionalmente escolhidas para a obtenção de um efeito sonoro e poético. Trata-se da intencionalidade do enunciador. Esse processo de escolha cuidadosa das palavras se torna fundamental para que se consigam efeitos a serem captados pelo leitor. Assim, a prosa poética recorre a características específicas da poesia, como a rima, a aliteração, a metáfora, a métrica, a musicalidade, importantes para que se tenha uma boa literatura, capaz de despertar a emoção e a reflexão. Veja-se, por exemplo, o seguinte trecho:

“Dias de sonhos rasantes, noites de sono arrasado. Mas ele, ressabiado, teimava em assobiar. Dorremifava macio, no galho ou na bacia, o desejo de avoar” (CUNHA, 2012, p. 7). Pode-se aí verificar a relação entre rasantes/arrasados; ressabiado/assobiar, que se ligam ao voo dos pássaros, que dão voos rasantes, mas cuja impossibilidade deixava o sabiá arrasado. O neologismo “dorremifava”, por cantava, traduz bem o desejo de “avoar” do sabiá, ao mesmo tempo em que indica sua destreza musical.

A sonoridade e a repetição de palavras são recursos constantes na poesia, como se vê nos exemplos abaixo: jurava/girafa; conto/canto/desencantado; tenor/temor, que rimam com cor e dor: a dor da falta de altura. Esta é uma metáfora que traduz bem a impossibilidade de voo do sabiá. A linguagem e a linguagem poética, principalmente, sempre jogam com identidade e diferença: ao mesmo tempo em que usam a semelhança de sons, empregam a diferença de sentido, como se vê nas relações apontadas acima, neste parágrafo.

Assobiava que eu nem te conto. Antes o canto de tenor, a cor na noite escura. Depois o canto de temor, a dor da falta de altura. Cantava que eu nem te conto, o sabiá desencantado.



Um dia, o sabiá dizia, um dia eu consigo avoar.

Um dia, jurava a girafa, um dia eu consigo cantar (CUNHA, 2012, p. 6, 8 e 16)

Verifica-se que o autor, por meio da musicalidade e do jogo de palavras, proporciona ao leitor um contato poético com o texto, mesmo que este não seja, efetivamente, um poema, nem se esteja fazendo poesia. Aproxima-se desse gênero para despertar, no leitor, a beleza de descobrir as palavras e seus significados. Ao mesmo tempo em que explora o jogo de palavras e de sons, aborda as questões da identidade e da diferença, de forma poética. O autor se apresenta próximo do seu leitor, por meio da afetividade que transmite no texto, por meio do narrador, dono da narrativa: “Mas o sabiá da minha história não sabia avoar.” “Mas a girafa da minha história era muito diferente.” “Minha história acaba aqui. Mas a dos dois continua [...]” (CUNHA, 2012, p. 2, 12, 24). Esse final contribui para relacionar real e ficção, deixando ao leitor a tarefa de pensar como a estória continuaria.

Umberto Eco (1994) em sua reflexão sobre as relações entre autor e leitor, aborda a questão do autor-modelo, bastante pertinente nessa análise, quando afirma que o autor-modelo:

é uma voz que nos afetosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo (ECO, 1994, p. 21).

Leo Cunha apresenta essa voz afetuosa na obra, utilizando-a como uma estratégia narrativa para se aproximar do leitor e trazê-lo para seu lado, e, por meio de recursos poéticos, como a melodia das palavras, que se torna um tom “doce” e “leve” de ouvir a estória, envolve o leitor no enredo, levando-o a agir como leitor-modelo. No texto, há a ruptura de paradigmas, como o de que pássaros voam e o de que girafas não cantam. São essas situações, que vão colocar em cena o desejo da girafa de ser diferente e a impossibilidade de o sabiá ser ele mesmo, que atraem o leitor e o fazem ser solidário com as duas personagens.

Nesse sentido, o autor constrói um discurso sobre a diversidade da identidade e diferença humana. Por meio de estratégias narrativas e recursos poéticos, possibilita reflexões sobre o tema, permitindo um diálogo das experiências vividas com a ficção, uma vez que diferença e identidade se tornam o ponto de união para a solução das tristezas e amarguras das personagens. Nesse texto, a questão da diferença não é apresentada como algo negativo, de que resulte a exclusão, mas como algo positivo. O sabiá e a girafa têm duas situações diferentes, mas complementares: o sabiá tem uma falta (não voa), enquanto a girafa tem um desejo (cantar). Os desejos e as fragilidades devem ser resolvidos, física ou emocionalmente, indicando que não há limites para superar as diferenças. O texto promove uma reflexão sobre a diversidade humana, sobre as diferenças que existem na nossa sociedade e sobre o desejo de ser diferente, isto é, de ter uma nova identidade. Se o Sabiá queria voar, manifestava o desejo de ser como os outros pássaros, de adquirir a sua identidade de sabiá; se a Girafa queria cantar, queria adquirir uma nova identidade, já que girafas não cantam.

O livro em estudo é um convite à reflexão sobre faltas e desejos, sobre a necessidade de readquirir a identidade ou de querer uma outra, nova e diferente, e sobre

como faltas e desejos podem se complementar. Essa temática reflete a importância dessa temática, abordada por pensadores modernos e contemporâneos (GIDDENS, 2002; HALL, 2003, 2005; BAUMAN, 2001, 2005, 2013), acerca da pluralidade que deve existir, possibilitando uma sociedade moderna, que busque a aceitação das diferenças e o desejo de ser diferente e, ao mesmo tempo, a aceitação da vontade individual de não ser diferente, isto é, de ser “como todo o mundo”. “Mas a girafa da minha história era muito diferente. A muda queria mudar. Não o mundo, mas a vida” (CUNHA, 2012, p. 13). O texto enfatiza a construção da identidade. O “eu”, sabe-se, se constrói a partir do “outro”, do olhar do outro. Nesse texto, o outro não é ameaçador, mas reassegurador: se o Sabiá quer ser como os outros, com cuja imagem se identifica, a Girafa quer ser ela mesma, diferente das outras girafas. O texto não questiona essas opções: simplesmente as apresenta.

Nesse sentido, a interpretação do indivíduo a respeito de si mesmo torna-se um elemento primordial para constituir sua própria identidade, e, de acordo com Silva, “interpretação é um termo utilizado por Louis Althusser (1971) para explicar a forma pela qual os sujeitos – ao se reconhecerem como tais: “sim, esse sou eu” – são recrutados para ocupar certas posições-de-sujeitos” (SILVA, 2013, p. 60). Portanto, na estória do sabiá e da girafa, esse reconhecimento do “eu” como posição-de-sujeitos está representada na maneira como as personagens lidam com suas próprias diferenças, não deixando que um “defeito” seja algo que os torne sujeitos sem uma identidade formada. É a partir de suas dificuldades e desejos que se posicionam como indivíduos sociais e, principalmente, não são questionados e julgados por suas escolhas de vida, como se pode constatar no fechamento do enredo: “Minha história acaba aqui. Mas a dos dois continua, sem plateia nem juiz, depois do final feliz”. (CUNHA, 2012, p. 25)

A identidade sempre estará em processo contínuo de transformação, pois não se deve falar de identidade como algo acabado, mas da identificação como um processo em andamento. Segundo Hall, “a identidade surge não tanto na plenitude da identidade que está dentro de nós, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 2005, p. 39). Assim, a obra de Leo Cunha permite à criança refletir que se deve enxergar o outro, de maneira positiva, e se colocar no lugar do outro, buscando

identificar as limitações relativas à sua identidade no meio social, a partir de um processo contínuo de construção identitária.

Silva diz que “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (SILVA, 2013, p. 76). Nesse sentido, a identidade e a diferença são construções culturais e sociais. Isso quer dizer que elas são os resultados de um processo de produção simbólica e discursiva e da forma como a sociedade as produz e as classifica, positivas ou negativas. Desse modo, a “identidade, tal como a diferença, é uma relação social”. (SILVA, 2013, p. 76)

aspecto importante é a questão emocional das personagens, como elas se projetam diante das suas limitações, sendo a melancolia e a desilusão o ponto de encontro do desfecho feliz de se unirem e vencerem as dificuldades de cada um. Essa demonstração de sentimento que altera o comportamento humano, a partir dos fracassos de se querer atingir um objetivo, está relacionada com a busca incessante pela identidade. De acordo com Silva: “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta [...]” (SILVA, 2013, p. 110). Desse modo, a relação com o “outro”, no livro, está subentendida na visão do sabiá, retratada no trecho em que deseja voar entre as nuvens. A ilustração reafirma seu ensejo em ser um passarinho como os outros. Na estória da girafa, também, aparece essa vontade de ser o outro, quando ela tenta imitar o canto do azulão, rouxinol e cotovia. Mas, como não consegue, vê brotar um sentimento de desilusão e revolta: “Mas a voz não derramava. Então reclamava baixinho: para que tanta altitude, pra cantar só passarinho? ”. (CUNHA, 2012, p. 15)

O autor logo transforma a tristeza das personagens em um sentido de busca da felicidade, criando a oportunidade de vislumbrar no outro a sua plenitude de ser feliz. A oportunidade de conseguir vencer as limitações passa a ser maior que esse sentimento de desilusão, como se pode constatar nos dois trechos da estória: “Um dia, o sabiá dizia, um dia eu consigo avoar”. “Um dia, jurava a girafa, um dia eu consigo cantar”

(CUNHA, 2012, p. 9, 17). O autor soluciona o problema das personagens, criando, para eles, um entrelugar: já não são mais diferentes entre si e diferentes dos outros, ainda que não consigam, totalmente, preencher a falta e satisfazer o desejo. O Sabiá ainda não voa nem a Girafa canta. O Sabiá quase-voa e a Girafa quase-canta. É nesse entrelugar que ambos são felizes, complementando-se, isto é, sendo solidários um com o outro.

O livro *O Sabiá e a Girafa* traz uma mensagem que desconstrói a exclusão social. Permite ao leitor, infantil ou adulto, perceber como é possível transformar as dificuldades e, ou, as fragilidades, em pontos positivos que podem ser compartilhados com o outro, de maneira a proporcionar parcerias para a felicidade. Foi somente pelo olhar do outro, de um sobre o outro, que ambos puderam construir suas respectivas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, nesta reflexão, que a literatura infantil contribui para a formação da identidade da criança, para a sua educação, no sentido mais amplo e aberto do termo, oposto ao uso pedagógico da literatura, e para sua percepção das diferenças e da alteridade. Da mesma forma, pressupôs-se que a literatura infantil deve questionar valores e paradigmas da sociedade em que é produzida, a fim de que o leitor a que se destina – a criança – adquira uma visão crítica sobre sua cultura e sobre si mesmo. Portanto, considera-se que as obras de Ronaldo Simões Coelho e Leo Cunha têm essas características e contribuem para a formação de seus leitores infantis.

Constatou-se que as estratégias adotadas pelos escritores veiculam um discurso literário a favor da valorização da diversidade e da diferença. Em *O Doido Varrido* e *O Sabiá e a Girafa* existem diferentes identidades, a partir da vivência e experiências com o outro, e que essas obras promovem uma reflexão sobre a diversidade humana. Elas indicam as diferenças que existem na nossa sociedade e apontam que há o desejo de se ter uma identidade, a partir da relação de alteridade. A colaboração entre a Girafa e o Sabiá exemplifica esse conceito.

Nos livros infantis analisados, foi possível perceber que a elaboração ficcional permite aos leitores lançar um olhar sobre o meio em que vivem e perceber que sua

identidade é relativa, dependendo da maneira como veem o outro e como são vistos por ele. Tanto o livro de Ronaldo Simões quanto o de Leo Cunha revelam esse princípio de alteridade, em que o “eu” não existe sem o “tu”, que é o “outro”. As abordagens da identidade e da diferença variam desde uma apresentação mais leve e com um enfoque mais poético, como no livro *O Sabiá e a Girafa*, passando pela denúncia de violências graves contra a pessoa, em *Doido Varrido*.

Charaudeau afirma que “a linguagem não é um objeto transparente” nem o processo de comunicação é “o resultado de uma única intencionalidade”, uma vez que o receptor “pode construir um sentido não previsto pelo emissor” (CHARAUDEAU, 2010, p. 17). Portanto, as análises podem ter trazido uma interpretação que os autores não tiveram a intenção de inserir nas narrativas. As questões levantadas pela interpretação textual revelaram que as histórias dos livros correspondem a uma visão de mundo dos autores e ao contexto sociocultural em que estão. Essa visão de mundo ultrapassou a intencionalidade dos autores e até mesmo a percepção que têm dela. Não doutrinaram: apenas educaram, no sentido amplo de que se falou, possibilitando a percepção da alteridade.

Por fim, discutiu-se, neste estudo, a relação entre literatura infantil e o discurso da diversidade, com a abordagem de questões culturais e socioculturais de uma sociedade, relacionadas a aspectos de identidade, alteridade e diferença, e como os autores mineiros trabalharam esses temas. Esse é, portanto, o elemento comum às duas obras analisadas, indicando que os autores se preocuparam em questionar determinadas “verdades” que circulam em nossa cultura, principalmente a respeito do outro, seja ele quem for. Outro elemento comum às obras foi o tratamento literário que receberam, evidenciando o cuidado no uso das palavras, sua exploração poética, por meio de aliterações, assonâncias, jogos de palavras, misturando aspectos fonéticos e semânticos, além da construção narrativa. No entanto, fez-se a mistura de gêneros, mesclando poesia e prosa, bem como foi possível perceber aspectos culturais inseridos nas narrativas, como crenças, valores, costumes, preconceitos, hábitos, religiões e mitos, dentre outros, que revelam o universo cultural de uma sociedade, afirmando a existência de uma identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AZEVEDO, T.; RABINOVICH, E. P. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. **Psicologia USP**, São Paulo, 2012, v. 23, n. 1, p. 211-231. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v23n1/v23n1a11.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- BARROS, José Márcio (Org.). **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Jorge Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 3. ed. São Paulo: Global, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Ronaldo Simões. **Doido varrido**. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.
- COELHO, Ronaldo Simões. À lembrança de Basaglia: Primeiro médico brasileiro a denunciar o comércio de cadáveres em Barbacena reforça debate do psiquiatra italiano. **Revista Ecológico**, Belo Horizonte, 2014. Entrevista. Disponível em: <<http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=84&secao=1403&mat=1561>>. Acesso em: 25 set. 2016.
- CUNHA, Leo. **O Sabiá e a Girafa**. Belo Horizonte: FTD, 2012.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Aparecida Lino Pauliukonis e Ida Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias**. São Paulo: Ática, 2007.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.
- LEITE, Gisele. Considerações sobre o conceito de infância e a educação infantil. **JusBrasil**, dez. 2015. Disponível em: <<https://giseleleite2.jusbrasil.com.br/artigos/285788699/consideracoes-sobre-o-conceito-de-infancia-e-a-educacao-infantil>>. Acesso em: 28 mar. 2016.
- MAINGUENAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.
- MAINGUENAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. **Cadernos de Letras da UFF Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários**, Niterói, n. 46, p. 219-242, 2013.
- REBOUÇAS, Lucinete Aparecida; ANDRADE, Mario Lousada de; OHE, Alice Massako. Literatura infantil no âmbito escolar com ênfase no gênero fábula. In: JORNADA DE PEDAGOGIA DA FAFIPA, 12., 2013, Paranavaí. **Anais - Políticas educacionais no Brasil: perspectivas, desafios e possibilidades**. Paranavaí: Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, 2013. p. 629-643.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. **Leituras brasileiras para crianças e jovens: entre o leitor, a escola e o mercado**. Gragoatá, Niterói, n. 37, p. 221-238, 2. sem. 2014.

RECEBIDO EM: 18/10/2018

PARECER DADO EM: 25/03/2019